

"Literatura é bússola": uma experiência com o letramento literário de alunos idosos na educação não formal¹

"Literature is a compass": an experience with the literary literacy of elderly students in non-formal education

"Literatura es brújula": una experiencia con la literacia literaria de estudiantes adultos mayores en la educación no formal

Simone Lopes Benevides²

Resumo: Nesse artigo, recorte de pesquisa de doutorado “Entre ideias e palavras: o letramento literário de alunos idosos do Proalfa na educação não formal” (BENEVIDES, 2020), tratamos da formação literária de alunos idosos da educação não formal a partir de sua autoidentificação, ou não, como leitores e de suas concepções sobre o que é Literatura. O objetivo é apresentar o trabalho desenvolvido pelo PROALFA (Programa de Alfabetização, Documentação e Informação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) no que diz respeito ao letramento literário (COSSON, 2016, 2018) e como ele impacta na formação dos alunos segundo os próprios discentes. Para isso, a opção metodológica foi a abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2006) com a realização de entrevistas semi-estruturadas (ZAGO, 2003).

Palavras-chave: Literatura; Letramento literário, Educação de jovens e adultos.

Abstract: In this article, excerpt from the doctoral research "Between ideas and words: the literary literacy of elderly students in Proalfa's non-formal education" (BENEVIDES, 2020), we address the literary formation of elderly students in non-formal education based on their self-identification as readers and their conceptions of what literature is. The objective is to present the work developed by PROALFA (Literacy, Documentation, and Information Program at the State University of Rio de Janeiro) regarding literary literacy (COSSON, 2016, 2018) and how it impacts the students' reading formation according to the students themselves. For this, the methodological option was the qualitative approach (CHIZZOTTI, 2006) with the realization of semi-structured interviews (ZAGO, 2003).

Keywords: Literature; Literary literacy, Youth and adult education.

Resumen: n este artículo, fragmento de la investigación doctoral "Entre ideas y palabras: el letramiento literario de estudiantes mayores en la educación no formal" (BENEVIDES, 2020), abordamos la formación literaria de estudiantes mayores en educación no formal basada en su auto-identificación como lectores y sus concepciones sobre lo que es la literatura. El objetivo es presentar el trabajo desarrollado por PROALFA (Programa de Alfabetización, Documentación e Información de la Universidad del Estado de Río de Janeiro) con respecto al letramiento literario (COSSON, 2016, 2018) y cómo impacta en la formación lectora de los estudiantes según los propios estudiantes. Para esto, la opción metodológica fue el enfoque cualitativo (CHIZZOTTI, 2006) con la realización de entrevistas semiestructuradas (ZAGO, 2003).

Palabras clave: Literatura; Alfabetización literaria, Educación de jóvenes y adultos.

¹

² CEFET-RJ.

Introdução

“-Por que ensinar literatura a idosos?”
 “Por que não?”

Esse diálogo, travado entre mim e uma acadêmica na UERJ, originou a pesquisa³ da qual esse artigo é apenas um recorte. Tendo iniciado minha prática docente com idosos, sempre me instigou o fato de que, em geral, grande parte dos estudos envolvendo esse público abordam temáticas relativas a aspectos patológicos, ainda que faça parte do grupo de alunos atendidos pela Educação de Jovens e Adultos. Os avanços na EJA não foram capazes de erradicar o analfabetismo em nosso país, problema atrelado a diferenças de ordem social, e entre os idosos o percentual é bastante significativo, segundo dados do IBGE⁴: 18,6% pessoas permanecem inalcançadas pelo poder público, que lhes negou a cidadania conquistada pelo direito à leitura e à escrita. Além da alfabetização, é importante considerar o letramento, pois mesmo alfabetizados muitos brasileiros podem não dominar plenamente a leitura e a escrita para produzir sentidos, não satisfazendo autonomamente as demandas de seu cotidiano.

Esse quadro, mais grave na década de 90, motivou uma importante reflexão acerca do papel desempenhado pela universidade para reverter essa situação e levou a Professora Doutora Anna Helena Moussatché, docente universitária na UERJ, a vislumbrar a criação de um espaço em que fosse possível discutir, com graduandos de Letras, de Pedagogia e de Matemática, novas propostas educacionais, embasadas pelas ideias de igualdade e de cidadania. Surge, assim, em 1995, o PROALFA – Programa de Alfabetização, Documentação e Informação da UERJ – *locus* onde se desenvolveu a pesquisa. Em função de seus objetivos, o PROALFA pode ser definido como um

[...] espaço sociocultural e educativo não formal em alfabetização, letramento e matemática, direcionado à Educação de Jovens e Adultos (EJA) pouco escolarizados ou que, mesmo sendo considerados alfabetizados, desejam retornar seus estudos em leitura, escrita e matemática (MOUSSATCHÉ; DIAS; BRASIL; SOARES, 2013, p. 123).

³ “Entre ideias e palavras: o letramento literário de alunos idosos do PROALFA na educação não formal”, Tese de Doutorado orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Gonçalves Pereira, e defendida na UERJ, em 30/11/2020

⁴ Dados disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-113-milhoes-de-analfabetos-23745356> Acesso em 02/04/2024.

Nesse artigo, pretendemos apresentar o trabalho desenvolvido pelo Proalfa no que diz respeito ao ensino de literatura a alunos idosos, evidenciando a formação do leitor literário como objetivo central do processo de ensino-aprendizagem. Começaremos apresentando a história do Programa e as bases teóricas que o norteiam, destacando o letramento literário (COSSON, 2016, 2018) como pilar desse processo. Na sequência, tratamos do percurso metodológico, indicando como o *corpus* foi constituído e trazendo as falas dos alunos para o seguinte questionamento: Para você, o que é Literatura? Hoje, você se considera um leitor de literatura?”. Ressaltamos que por se tratar de recorte de uma pesquisa de doutorado, cuja análise foi mais extensa e profunda; embora esse artigo faça referência completa a constituição metodológica da tese, apresenta, apenas, uma breve análise a um dos questionamentos das entrevistas realizadas.

Quando de sua criação, o Programa era formado por quatro projetos: *Classes de Alfabetização e Letramento*, *Acervo Especializado em Alfabetização “Emilia Ferrero”*, *Ciclos de Estudos em Alfabetização e Alfabetização de Jovens de Classes Populares*. Ao longo dos anos, houve reestruturações, motivadas por questões internas e sobretudo por demandas da própria universidade. Para os fins da pesquisa, o interesse recaiu apenas sobre o projeto *Classes de Alfabetização e Letramento*, que há 23 anos, ininterruptamente, constitui-se um importante espaço de aprendizagem para os alunos – idosos cujo desejo de inserção no mundo das letras os conduziu ao PROALFA – e os professores – alunos bolsistas, graduandos da UERJ (cursos de Letras, Pedagogia e Matemática) que iniciam a vida docente nesse projeto de extensão.

Moussatché, Soares e Cagnin (2017, p. 27) o definem como um projeto que “[...] permite uma relação dialógica entre os aspectos teóricos relativos ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita e a prática pedagógica concreta. O PROALFA além das atividades de ensino, tem como pilar essencial a extensão universitária. Em virtude da natureza do trabalho desenvolvido nas Classes, é possível afirmar que, além da extensão, atua na formação dos seus bolsistas, apresentando-lhes perspectivas teóricas com as quais podem ainda não ter travado contato em suas graduações e lhes propiciando uma efetiva prática docente. Por conta dessa peculiaridade – a extensão universitária aliada ao ensino/formação docente – entendemos ser esse Programa um importante campo de pesquisa, contribuindo sobremaneira com questões relativas ao ensino em geral e com a EJA em particular.

Na perspectiva do letramento literário, Cosson (2016, 2018) entende a literatura como linguagem. Subvertendo a clássica definição de literatura como arte da palavra, ela seria responsável por fazer o mundo por meio da língua, de modo que “a Literatura não tem outro

limite que a própria capacidade humana de significar” (COSSON, 2018, p. 49). Essa infinita capacidade de produzir sentidos – pois infinita também é a capacidade humana de significar – torna vital um ensino de Literatura que se afaste das abordagens tradicionais do espaço escolar, em geral historiográficas. Assim, assumir o ensino de literatura sob tal perspectiva, implica entender o letramento literário como um processo de apropriação da construção literária dos sentidos (PAULINO; COSSON, 2009, p.67) e requer o compromisso com a formação de leitores literários. O PROALFA assumiu esse compromisso

Moussatché, Soares, Cagnin (2017) afirmam que em seus 23 anos existência o programa já passou por várias mudanças nos modelos e nas concepções teóricas que embasam a prática de sala de aula, ora influenciadas por questões relativas ao público-alvo, por exemplo, ora promovidas a partir dos avanços dos estudos de linguagem. O marco dessas transformações, segundo a autora, seria o ano de 2015, quando sob a influência de Antonio Candido (2011) no ensaio *O direito à literatura* desenvolveu-se o projeto *Asas de papel: o direito à literatura*, marco do início de um trabalho sistemático com a literatura no PROALFA.

Em seu texto, Candido (2011, p. 193) defende a força humanizadora da palavra literária, que, segundo ele, seria um direito de todos os cidadãos: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da Literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável de todos os cidadãos”. Desde então, o trabalho com a Literatura vem se consolidando, e o texto literário se firmou como eixo-organizador dos projetos que conduzem as atividades, o *locus* a partir no qual a aprendizagem da leitura e da escrita se processam.

Por se ancorar em perspectivas não tradicionais, essa nova proposta de trabalho não se centra no alcance de resultados pragmáticos: a partir da palavra literária, o PROALFA se compromete com a formação humana em sentido amplo e com a formação do leitor literário. Conseqüentemente, a imagem projetada dos leitores formados no PROALFA também muda: ao invés do idoso que lê somente para os netos, surge o idoso leitor, que mesmo lendo apenas durante sua permanência na sala de aula, ou não, considera a Literatura como parte integrante de sua vida. Quanto ao jovem bolsista em formação, que apesar de cursar Letras pode ou não ser leitor, a leitura literária ganha novos sabores, pois além da fruição e do deleite, torna-se fonte de conhecimento, e não apenas um meio para aquisição de conteúdos diversos⁵.

⁵ O processo de letramento literário dos alunos da graduação da UERJ, bolsistas do PROALFA, é desenvolvido na tese de doutorado “Entre ideias e palavras: o letramento literário de alunos idosos do Proalfa na educação não formal” (BENEVIDES, 2020), da qual esse artigo é fruto.

Candido (2011) defende que a Literatura não é apenas um conjunto de obras, mas algo maior, pois além de exprimir a humanidade também atua na sua formação. Seguindo essa perspectiva, e também por contar com um público tão particular, o PROALFA não se restringe ao cânone e tampouco se prende a abordagens históricas e/ou gramaticais do fenômeno literário. Na tentativa de ultrapassar as barreiras em oralidade e escrita e buscando contemplar as diferenças socioculturais características das Classes, a coordenação buscou na abordagem sociológica de Antonio Candido (2011, p. 176) a base teórica que vem sustentando o trabalho desenvolvido com os idosos e com os bolsistas:

Chamarei de Literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Sob essa perspectiva, desde 2015, o PROALFA desenvolve projetos com autores consagrados e canônicos, brasileiros e estrangeiros, com a Literatura infantil e juvenil, além da tradição popular, como os cordéis, e as histórias da tradição oral, latina e africana, sem desprezar os causos e histórias que constituem o repertório dos próprios alunos.

O percurso metodológico – a literatura segundo os alunos

Nosso estudo⁶, cujo objetivo foi a análise de um contexto específico de aprendizagem – o ensino de Literatura para idosos na educação não formal – inseriu-se na perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2011) das Ciências Humanas e assume a abordagem qualitativa, tal como propôs Chizzotti (2006), segundo o qual tal abordagem busca interpretar os sentidos a partir dos significados propostos pelos sujeitos, não focando na quantificação. Optamos pela **entrevista** como procedimento metodológico por possibilitar o diálogo entre pesquisador e pesquisado e o aprofundamento da questão investigada (ZAGO, 2003). A entrevista permite a produção de enunciados de forma alternada e dinâmica, de modo que pesquisador e pesquisado, na interação, são ativos na produção de sentidos. Nessa perspectiva, consideramos importante a elaboração de um roteiro que norteou as entrevistas, sem rigidez quanto à execução do mesmo, pois as falas dos alunos eram consideradas, surgindo, então, outras reflexões não previstas originalmente.

⁶ Em sentido amplo, aqui referimo-nos à metodologia da tese já mencionada.

Os alunos foram entrevistados segundo um roteiro de 11 questões, divididas em dois eixos: 1) experiência literária, que buscou compreender como se efetivou o contato dos alunos com a literatura desde a infância até o PROALFA; 2) conhecimento literário, que buscou verificar como os alunos assimilaram alguns conceitos da literatura e se se consideram leitores. Nesse artigo, cujo objetivo é apresentar um recorte da pesquisa, apresentaremos apenas as respostas de um dos questionamentos presente no eixo 2: “*Para você, o que é Literatura? Hoje, você se considera um leitor de literatura*”

Contamos com 8 entrevistados, 4 mulheres e apenas 2 homens, com média de idade de 72,3 anos, aqui identificados como *BISA EVA*, *MARIA FLOR*, *NANCY*, *SEA*, *FRED E JUJU* (pseudônimos escolhidos pelos próprios alunos). Questionados sobre se considerarem ou não leitores literários, apenas dois alunos se reconheceram leitores, ambos justificando, sobretudo, pela quantidade de livros lidos; o mesmo critério foi usado pelos demais, para os quais a pouca quantidade e o fato de apenas lerem no PROALFA não lhes permitem se considerar leitores. *SEA* afirmou que o fato de se identificar com os autores também o torna leitor, pois para ele a quantidade está atrelada ao conhecimento mais aprofundado do escritor, provavelmente referindo-se ao seu estilo. *BISA EVA* sinaliza a releitura com um importante critério na identificação dos leitores, o que faz sentido se considerarmos que cada leitura de um mesmo livro é única, trazendo consigo novos olhares e novos sentidos. Transcrevemos a seguir a resposta de dois alunos – *FRED* e *JUJU* – quanto a serem ou não leitores:

O que é essencial para qualificar alguém como leitor, mais ainda, como leitor literário? *JUJU*, por exemplo, como a maioria dos alunos, não estudou Literatura na escola, não possui um nível elevado de escolarização, chegou ao PROALFA aos 67 anos e hoje fala com desenvoltura sobre os livros que leu no PROALFA, tematiza a Literatura em diálogo com os filhos. *FRED* nem mesmo terminou o curso primário, produz acrósticos, lê Literatura Brasileira e universal no Programa, é capaz de conversar sobre os livros lidos e, como todos os alunos, participa ativamente de todos os projetos do PROALFA. Paulino (2010, p. 161-162), afirma que “[...] a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações estéticas, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres”.

Tal proposta ressalta a presença da Literatura no cotidiano, o que implicaria, necessariamente, a leitura para além do PROALFA. Se pensarmos em termos de Educação Básica regular, de fato, a formação do leitor literário deve ser um processo contínuo, desde as séries iniciais, na Educação Infantil, até o fim do Ensino Médio, de modo a tornar a Literatura

parte integrante de suas vidas, e não apenas uma matéria escolar. A realidade de *JUJU* e seus companheiros, entretanto, é bastante particular – ainda cuidam dos netos, têm afazeres, contam com algumas limitações de ordem física – e o PROALFA, além de espaço de aprendizagem, é o local de regozijo. Pensamos que, nesse caso, os “afazeres e prazeres” a que se referem a autora possam adquirir nova conotação e se referir, também, às leituras realizadas em ambiente escolar, formal ou não, desde que proveitosas e de fato compromissadas com a produção de conhecimento a partir do texto literário. Mais democrático, esse adendo permite englobar as diferentes realidades que cercam a formação de leitores literários na Educação Básica, regular ou não. Brito (2003, p. 204) traz-nos uma importante reflexão:

A educação de jovens e adultos não deve ser pensada como um processo de recuperação de algo que tenha sido perdido ou não aprendido no momento adequado. Tampouco deve seguir os mesmos critérios e referenciais da educação regular de crianças e adolescentes. O adulto não volta para a escola para aprender o que deveria ter aprendido quando criança e não aprendeu. Ele busca a escola para aprender habilidades necessárias para ele no momento atual.

É preciso reconhecer, pois, a particularidade dos idosos cujas habilidades necessárias não são demandas de trabalho, mas do prazer de ler, de escrever e de (re) encontrar a Literatura. Mesmo não abordando o caso específico dos idosos, a proposta de Brito (2003) aplica-se com perfeição ao nosso estudo, reconfigurando a imagem do leitor literário, definido em função do público-alvo e de seus objetivos. O que está em jogo não é quantidade de livros lidos tampouco se a leitura literária se faz presente além do PROALFA. Em se tratando de alunos idosos, “ser leitor” pode significar a leitura do texto literário exclusivamente no ambiente “escolar”, atendendo demandas bastante pontuais, como o desejo de aprender Literatura, a necessidade de escapar dos problemas do dia a dia ou, como na metáfora de *NANCY*, tomar a Literatura como bússola. *JUJU*, apesar de não se considerar leitora, o que também envolve aspectos relativos à autoestima, elenca com orgulho as obras lidas, na íntegra, em sala de aula, com a mediação do professor (fator essencial destacado pela aluna, “*isso estimula muito*”), tal como preconizado na proposta do letramento literário. *O alienista*, *Dom Quixote*, *Vidas secas*, *A hora da estrela*, poemas de Frida Khalo, *Clara dos Anjos* e contos de Mía Couto são algumas das obras lidas no PROALFA no desenvolvimento de seus projetos, lidas integralmente, mediadas pelo professor. A centralidade da Literatura em sua vida é indiscutível, como se verifica na justificativa dada sobre a importância do PROALFA: “*Porque é justamente aqui que eu posso me dedicar. Ao*

meu aprendizado. E o conhecimento dos escritores, tanto brasileiro como os estrangeiros, né. Que é o caso do Mia Couto, né”.

Quando questionados acerca dos critérios usados na categorização de um texto literário, a aluna *NANCY* disse não ser capaz de responder, o que se pode explicar em função de ela estar há menos tempo no Programa, aproximadamente um ano e meio, tendo, portanto, bem menos bagagem literária que os demais, uma vez que a própria relatou que a Literatura lhe foi apresentada no PROALFA. No decorrer da entrevista, entretanto, enquanto refletia sobre a importância da Literatura em sua vida, lembrei-me de que havia me dito que seu pai lia muito jornal. Então, perguntei-lhe se achava diferente ler um jornal e ler um livro literário e ela afirmou serem diferentes, pois a leitura do jornal seria “muito embrulhada”.

Em uma análise primorosa, *NANCY* consegue diferenciá-los com uma metáfora muito interessante – o jornal como leitura embrulhada. Fechado em si, comprometido com a referencialidade e com as vendas, o jornal não exige muito do leitor, não “abre sua visão”, ou seja, não produz conhecimento. Ao contrário, a Literatura testaria nossa capacidade e exigiria nosso envolvimento para sua compreensão. A Literatura mostra-se, então, presente em seu cotidiano a partir de suas reflexões sobre a realidade que a cerca.

Mesmo não se considerando leitores, as definições de Literatura por eles propostas são primorosas.

Literatura é o meio pelo qual, uma pessoa viaja sem sair do lugar (SEA).

Literatura é a bússola (NANCY).

É uma maneira muito bonita de se comunicar. Quem estuda Literatura. Quem dá aula de Literatura., meu Deus, eu acho que é uma sumidade (MARIA FLOR).

A maneira de observar a vida, o mundo, com os olhos de outros escritores, né. De escritores famosos ou não, né (FRED).

Pra mim Literatura é essencial na minha vida. É onde que eu me alimento. É onde que eu tiro o meu alimento do conhecimento (JUJU).

Literatura é o clássico da vida (BISA EVA)

Diante de falas tão pungentes, terminamos esse artigo da mesma forma como começamos: “Por que ensinar literatura a idosos? Por que não”?

Considerações finais

Como procuramos evidenciar, com desenvoltura, os alunos refletem sobre a Literatura em termos teóricos a partir dos conhecimentos oriundos das próprias leituras literárias, mesmo sem consciência disso. Isso ocorre porque não há, no PROALFA, aulas nas quais conteúdos sejam meramente ofertados como um fim em si mesmo, o compromisso do Programa é com a formação de leitores literários. É a partir da leitura integral das obras e das discussões e análises mediadas pelos professores que os conhecimentos teóricos são construídos e sistematizados. A concretização do trabalho desenvolvido se dá pelo desenvolvimento dos projetos, nos quais é possível vivenciar a experiência da leitura literária, produzir sentidos, pensar o mundo, pensar o outro, pensar em si mesmo. Os alunos, melhor dizendo, os leitores, são paulatinamente estimulados a tornarem a Literatura parte integrante de suas vidas, ainda que isso se resuma ao espaço do PROALFA, ou não.

Tratando do leitor literário, Paulino (2010, p. 162) diz-nos que se trata de um tipo de leitor elitizado que se “restringe a um grupo capaz de se locomover com desenvoltura num universo textual sofisticado, o tal que une beleza e estranheza.” Ao democratizar o acesso à Literatura e torná-la fonte de conhecimento, o PROALFA faz desse universo sofisticado um *habitat* natural para seus alunos, e ao invés de leitores elitizados temos leitores literários, forjados a partir de um incessante trabalho de mediação de leitura com foco na produção de sentidos a partir da expressividade da palavra literária, a “sofisticação” da qual nos fala Paulino. São leitores, ainda que não se identifiquem como tal.

Referências

- BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRITO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOUSSATCHÉ, Anna Helena; SOARES, Josiane de Souza; CAGNIN, Simone. Leitura e escrita de idosos na magia do tempo. *In*: CAGNIN, S.; MOUSSATCHÉ, A. H.; GONÇALVES, I. P. (org.). **Alfabetização de adultos: diálogo entre saberes docentes e discentes**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 24-42.

MOUSSATCHÉ, Anna Helena; DIAS, Marlene; BRASIL, Regina Celi; SOARES, Josiane de Souza. PROALFA: o direito de se tornar leitor na terceira idade. *In*: CAGNIN, S.; PAIVA, M. G. (org.). **Temas atuais em psicopedagogia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 122-137.

PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 61-81.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. (org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.

Sobre a autora

Simone Lopes Benevides: Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Ensino Médio e Técnico Integrado do CEFET-RJ. Doutora em Língua Portuguesa pela UERJ, estudou a relação entre língua e literatura focando o letramento literário na EJA. Anteriormente, no mestrado na mesma instituição, também abordou a literatura como foco de estudo, analisando o papel das metáforas na construção da fantasia que permeia a literatura infantil.
E-mail: sisilopes26@gmail.com

Recebido em: 01 set. 2023

Aprovado em: 03 maio 2024